

Carioca, com raízes em Campo Grande (MS), Martha Barros nasceu em 1951, é formada em Biblioteconomia, e em Artes Visuais, na EAV (Escola de Artes Visuais do Parque Lage).

Participou de inúmeras exposições individuais e coletivas no Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Goiânia e Mato Grosso do Sul, além de ter ilustrado capas de livros e discos.

Filha do poeta matogrossense Manoel de Barros, um dos maiores em atividade, Martha herdou do pai o lirismo e o gosto pelas coisas pequenas, e vem colocando suas preciosas ilustrações na obra do pai. Mas, a artista, que busca a liberdade do imaginário e do inconsciente, tal como Kandinsky, Paul Klee, Miró e Chagall, seguiu uma trajetória própria no universo das artes visuais.

A obra de Martha Barros é influenciada pelo mundo dos homens, dos animais e das plantas, em comunhão com a natureza. Sua linguagem, artesanalmente construída, está sempre em busca de uma simplicidade que se abastece na infância e bebe na fonte do ser. São imagens ignorantes do mundo moderno e de suas tecnologias mas, ao mesmo tempo, totalmente carregadas da inocência, que é exatamente onde o ser busca as suas raízes.

Em algumas de suas pinturas, Martha utiliza, também, texturas e materiais diversos, que vão desde o papel e passam por tecidos e rendas. O resultado é um trabalho espontâneo de cores e grafismos, direto e singelo.

Martha expõe o primitivo esteticamente, inspirando-se em pinturas rupestres e desenhos infantis, buscando, sempre, um traço livre e fluido. Não por acaso, sua obra vem ganhando elogios de destacados artistas brasileiros.

Monica Cotta, jornalista

“Seus pequenos personagens ora lembram animais, ora plantas, ou as duas coisas juntas. As cores que usa são transparentes e, muitas vezes, deixam ver desenhos preexistentes nos tecidos que ela escolhe como suporte. É uma artista envolvente com seu trabalho, perspicaz, sensível e inteligente”. (Luiz Áquilla).

“O amor do detalhe e a compreensão da estrutura pulsam nos quadros desta pintora e, de tal forma, que nos leva a perceber a visibilidade do invisível”.(John Nicholson).